

Mergulhar num Banzeiro do Xingu

BRUM, Eliane. **Banzeiro Òkòtó**: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

Kátia Barros Santos¹

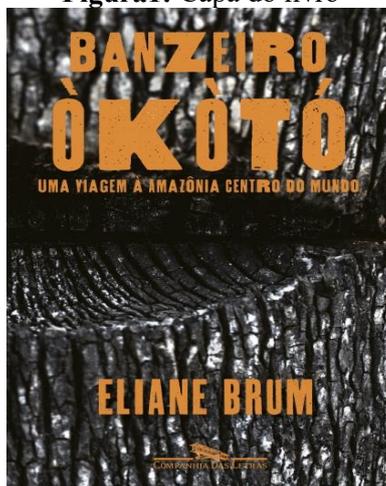
Data de submissão: 13.05.2024

Data de aprovação: 31.10.2024

Eliane Brum é jornalista, escritora e documentarista, nascida em Ijuí, gaúcha. Veio para a Amazônia se desbranquear, se reflorestar e se amazonizar, termos que vão sendo construídos ao longo de sua conexão com a floresta e com os povos-floresta, sobretudo uma atitude de luta por uma Amazônia em pé. Brum, em meio à experiência não linear contada na obra *Banzeiro Òkòtó*, não segue uma narrativa cartesiana, guia-se sob a perspectiva do rio cheio de curvas, do Banzeiro que brava, da floresta que clama, dos povos-floresta que urgem em defesa da Amazônia. Autora dos livros publicados também no exterior, repórter renomada e colunista do espanhol *El País*.

O título desta obra chama a atenção, *Banzeiro Òkòtó*, para aqueles leitores que nunca tiveram no Xingu, com certeza irão buscar o seu significado. O banzeiro é o movimento do rio Xingu na sua braveza e Òkòtó de língua iorubá dada a autora da obra por um jogo de búzios que significa caracol que se move em espiral, cresce ao longo do processo, isto fica explícito nas narrativas escutadas por Brum e na Amazônia que brada em seus entes, entres, humanos e não humanos perceptíveis no movimentar-se para fora e para dentro. A capa já é um convite, para que os leitores façam esta viagem à Amazônia centro do mundo (figura 1)

Figura1: Capa do livro



Fonte: Livraria companhia das letras

A obra foi escrita dentro do possível em linguagem inclusiva ou neutra, para compor outras agudezas de estranhamento e provocação. As páginas deste *Banzeiro* entrecruzam os gêneros textuais relato pessoal, memórias, manifesto e investigação jornalística, predominantemente narrativos, principalmente sobre a região Amazônica, no rio Xingu e Altamira, uma fronteira repleta de contradições e cercada pelo sistema capitalista. Aqui se encontram muitos embates da contemporaneidade, bem como as resistências dos povos

¹ Doutoranda do Programa de pós-graduação em Agricultras Amazônicas – PPGAA/UFPA. Mestre em Linguagens e saberes na Amazônia-UFPA. Bolsista Capes. E-mail: katiabarrosatm@gmail.com

tradicionais frente aos impactos socioambientais e culturais causados pelas dinâmicas dos grandes projetos de desenvolvimento na região.

Entro neste banzeiro com o pensamento de mergulhar em muitas histórias vividas por humanos e não humanos que fazem parte das Amazôniaas. A cada folha aberta parece que o mergulho é mais profundo, às vezes, nem consigo respirar, tenho que esperar “o Banzeiro se recolher suas garras ou amainar” (p.9), como em um dos capítulos “entre floresta” que retrata um pouco sobre beradeiros ou ribeirinhos impactados pelo empreendimento chamado Belo Monte, um léxico rodeado de destruição da vida e da floresta. E para o barramento do rio, os estrondos ensurdecedores, a morte do rio era inevitável e as vidas que por ali viviam também eram dilaceradas por retiradas compulsórias, como a de Otávio das Chagas, narrado pela jornalista, um pescador sem rio e sem peixe. Pescador, este, expulso da ilha onde nasceu, posto na periferia da cidade de Altamira. Ilha da Serra (ilha de seu Otávio) afundou, hoje debaixo do paredão da hidrelétrica.

São cenas fortes da história deste pescador, por isso, preciso de fôlego para folhear o restante das páginas, além disso, sei que há muito mais para refletir sobre as expropriações e impactos dessas memórias que se fizeram marcadas nos povos do rio Xingu. A obra gira em torno da denúncia das extravagâncias do poder sobre as várias realidades da Amazônia, como a devastação da floresta, estando em voga questões climáticas e os povos-floresta impactados pelos grandes projetos de desenvolvimento.

No decorrer da leitura me vejo também debruçada nas imagens assistidas pela autora, através da linguagem que impulsiona a gente a mergulhar mais fundo. As histórias aqui delineadas em 383 páginas, muitos capítulos, nos quais não seguem uma numeração, isso faz mais sentido porque as vidas, as histórias, as Amazôniaas seguem a narrativa da vida e não por uma cronologia ocidental.

Logo no sumário, o leitor pode escolher um título sem se perder no caminho, mas aconselho que ora o Banzeiro te levará para baixo, pois os textos se apresentam numa realidade nua e crua. São vidas barradas, afogadas pelas hidrelétricas, são beradeiros, ribeirinhos forçados a sair do seu lugar, são violências vivenciadas pelos povos-floresta em meio à conjuntura política e econômica configurada para a Amazônia. Estas políticas desenvolvimentistas ganharam maior fluxo, sobretudo, ao longo do século XX, pois novos olhares se voltados para a exploração de riquezas na região. A centralidade do crescimento econômico visava o ciclo de novos projetos de exploração. Em voga, o contexto dos projetos desenvolvimentistas ganha maior potencial mundial, por ser um território de grande biodiversidade, com recursos naturais, entre outras riquezas minerais. Todavia, isto implica nos mais variados dramas vivenciados pelas populações tradicionais, entre eles violações de direitos, impactos socioambientais, perdas de territórios e mudanças em suas cosmologias.

Os títulos dos capítulos expressam as singularidades do contexto amazônico, eu os li sem linearidade, talvez por me sentir no meio do Banzeiro: 45. estupro. e reflorestamento – apresenta uma narrativa em manifesto, logo ao mudar para a cidade de Altamira, das entranhas joga para fora os desmandos e violências experienciadas pelos corpos da floresta, humanos ou não humanos, neste ínterim, o Xingu sendo violentado por Belo Monte, aqui Eliane Brum diz que quer se reconverter em floresta, nos leva a pensar sobre os corpos subalternizados, fragmentados e destruídos pelo modelo colonizador, a reflexão nos leva a entrar no movimento radical para quebrar a hegemonia do pensamento ocidental, nos diz ainda que a luta pela floresta é uma luta contra os sistemas sociais ao longo da história.

666. o fim do mundo não é fim. é meio – inicia o capítulo com uma frase que ouviu numa entrevista de Eduardo Viveiros de Castro, antropólogo, que dizia: “os indígenas são especialistas em fim do mundo, já que o mundo deles acabou em 1500”, a colonização veio devorando os povos em muitas etapas, ao longo da história, etnocídio, extermínio cultural, assimilação, política de branqueamento são os caminhos das políticas eurocêtricas para com

os povos tidos como subalternos aos olhos do europeu. Na lógica da frase de Viveiros de Castro, o mundo dos indígenas se desmorona a cada política de desenvolvimento para a Amazônia. Contudo, eles sabem sobreviver a cada fim de mundo. Na experiência de viver na fronteira simbólica, Brum catalisa as vivências impactadas com os povos e compreende que viver na catástrofe é um meio de sobreviver, mas coletivamente.

13. entres da floresta – conta a história de um ribeirão submerso por Belo Monte, o ser ribeirão na Amazônia, não é somente aquele que está na beira do rio. A jornalista descreve como “entres da floresta”, conceito tecido para a compreensão daqueles que são povos invisíveis da Amazônia. Belo Monte engoliu o rio, as ilhas, as vidas e as histórias de muitos ribeirinhos.

1987. refugiados de belo monte – resultado da escuta ativa com os impactados pela hidrelétrica, movimento que naquele momento ganhava um nome “clínica do cuidado”, com especialistas selecionados para a escuta foram feitos muitos atendimentos na rua e no rio, uma logística debruçada em ir até os povos-floresta, sobretudo psicólogos/psiquiatras/jornalista experienciaram nas vozes dos ribeirinhos, a dureza de viver num território onde a construção de Belo Monte a cada estrondo esraçalhava cada perspectiva futura, de viver no lugar que foi escolhido para garantir pertencimento e reconhecimento de si próprio e do outro, como o que aconteceu com dona Raimunda e seu João que tiveram sua casa queimada no processo de construção da barragem, isto lhe tirou o direito de pertencer e de ser ribeirão. Muitas escutas são histórias sentidas na pele pelos ribeirinhos expulsos por Belo Monte.

2042. amazônia centro do mundo – um momento ímpar descrito pela jornalista, na abertura do encontro do movimento Amazônia no Centro do Mundo, na cidade de Altamira, em 2019, depois de um discurso com teor libertário de Erasmo, os povos coletivamente se juntaram em nome da resistência “[...]então mãos de todos os tons de terra se empilharam. A aliança pela Amazônia foi consumada naquele momento[...].” (p.337). Um capítulo, onde o sentido de resistência tomava corpo diante das contradições, das mazelas e dos desafios que estão por vir, numa Amazônia que precisa ser mantida de pé.

O termo Amazônia Centro do Mundo é apresentado na obra como um conceito e, ao mesmo tempo um movimento que condiciona a centralidade da Amazônia. Uma obra divulgada nacional e internacionalmente, foi resenhada pela plataforma híbrida Amazônia Latitude e em outras redes *online*. Este livro foi divulgado pela Companhia das Letras e no *YouTube*. Uma referência de diálogos sobre Amazônia, questões climáticas e resistências dos povos podem ser encontradas em artigos/periódicos. Esta obra pode ser lida do fim para o começo sem se perder nas narrativas e, adirto, você leitor, mergulhará muitas vezes no Banzeiro do Xingu, na escuta da jornalista e nas experiências dolorosas dos ribeirinhos expulsos por Belo Monte, contudo é um convite a se juntar à luta ao Movimento Amazônia Centro do Mundo!

REFERÊNCIA

BRUM, Eliane. **Banzeiro Òkòtó**: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.